

INVESTIGAÇÃO DA INTERAÇÃO COGNIÇÃO-AFETO NA CONSTRUÇÃO DE EXPLICAÇÕES: VALIDAÇÃO DE UM PROTOCOLO DE ENTREVISTA.

Talita Raquel Luz Romero¹
Maurício Pietrocola²

¹Instituto de Física/Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo – talitaraquel@yahoo.com.br

²Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo – mpietro@usp.br

Resumo

Apesar da credibilidade atribuída à ciência, é comum que alguns estudantes insistam em produzir explicações às situações cotidianas por meio de concepções simplistas, espontâneas e, algumas vezes, ingênuas. Ao diferenciarmos o conceito 'intuitivo de explicação' do conceito de 'explicação científica' é possível compreender porque muitos alunos preterem a última em relação à primeira. Ao considerarmos estas definições e buscarmos identificar quais os critérios de validação de explicações dos alunos do Ensino Médio, procuramos analisar se estes são os mesmos considerados pelas explicações científicas e/ou se a afetividade influencia em suas escolhas. Assim, poderemos compreender qual o tipo de relação estudantes que não pretendem seguir carreiras técnico-científicas estabelecem com o conhecimento científico.

Palavras-chave: explicação científica, afetividade, validação de explicações.

“E o que seria uma explicação? Normalmente, quando você faz uma pergunta – pede a alguém para explicar alguma coisa – você espera uma resposta satisfatória. O que significa satisfatória? Significa que você não continua perguntando. [...] Então, o ouvinte, aquele que faz a pergunta é aquele que decide o que será uma explicação: aquilo que irá satisfazer sua curiosidade”.
(MATURANA, 1997)

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE EXPLICAÇÕES

1. ADEQUAÇÃO;
2. RELEVÂNCIA, dois níveis: extrínseco e intrínseco;
3. QUALIDADE, deve apresentar:
 - i) plausibilidade;
 - ii) parsimônia;
 - iii) generalização;
 - iv) frutífera.

Pensa que o cara escreveu isso no passado! Nossa muito loco meu. E escreveu direitinho!

Me sinto insatisfeita. Porque, não sei se (...) sei lá se eu sou rancorosa com essa explicação toda, mas eu não consigo acreditar em uma e achar que tá boa. Sabe? Sempre acho que tá faltando alguma coisa pra me fazer acreditar plenamente numa explicação (...)



Nossa! Eu tô em dúvida. Primeiro com o que eu acredito. Segundo que mesmo assim, pra mim acho que não explica.

Eles ficam estudando e é milhares de cientistas que falam isso, não é só um.

Ah professora é interessante, mas é difícil acreditar. Sei lá (...) a gente tá acostumado com outra história.

ELABORAÇÃO DO PROTOCOLO DE ENTREVISTA

Explicações são avaliadas com base em critérios emocionais. “(...) não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. Cada vez que escutamos alguém dizer que ele ou ela é racional e não emocional, podemos escutar o eco da emoção que está sob esta afirmação, em termos de um desejo de ser ou de se obter” (MATURANA, 2001).

Indivíduo não estabelece vínculo afetivo com uma explicação que não se proponha a reforçar seu sentimento de realidade.

Escolha do tema, “Origem do Universo”, porque permite elaborarmos questões que estão carregadas de afetividade e de uma “curiosidade universal, [que prende] aquela enorme atenção, que todo mistério longamente e talvez para sempre galvaniza” (MOURA, 2006).

COMO ELABORAR E O QUE INCLUIR NO PROTOCOLO?

Através da análise prévia das entrevistas, podemos perceber que ao se fazer uma entrevista que pretende avaliar se (i) as explicações são avaliadas com base em critérios emocionais, além daqueles racionais mencionados nas pesquisas atuais, e se, (ii) o indivíduo não estabelece vínculo afetivo com uma explicação que não se proponha a reforçar seu sentimento de realidade – **não deve ser totalmente desenvolvida em grupo**, para que além da idéia do grupo o entrevistador conheça melhor cada entrevistado e possa, por exemplo, desvencilhar de ‘alunos pentelhos’. A parte individual da entrevista pode ser acompanhada de um pequeno **questionário alternativo** que permita ao entrevistador **escolher os modelos explicativos** que serão apresentados. **Datas e épocas devem ser omitidas** do protocolo para evitar que a validade histórica seja considerada. E, no caso do modelo explicativo da ciência, é interessante que seja mais de um, para **evitar que o valor intrínseco da ciência** sobressaia frente aos outros modelos.

Referências Bibliográficas

- [1] BARBOSA, R. “Métodos e programa escolar”. In: REFORMA do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública. Rio de Janeiro: Ministério da Ed. a Saúde, 1946. (Obras completas de Rui barbosa, v. 10), tomo 2.
- [2] MATURANA, H. “Emoções e linguagem na educação e na política”. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.
- [3] GILBERT, J. K.; BOULTER, C.J. E RUTHERFORD, M. “Models in explanations, part 2: Whose voice? Whose ears?” IJSE, vol. 20, no. 2, 1998b.
- [4] MATURANA, H. “Emoções e linguagem na educação e na política”. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

APOIO:



FAFE